



## *O Tempo do Cativo*

As narrativas sobre o tempo do cativo se constroem a partir da rememoração de casos e histórias que os depoentes ouviram contar dos pais e avós. Nem sempre estas histórias dizem respeito diretamente a experiências dos próprios contadores originais (pais ou avós), mas falam antes de narrativas transmitidas de pai para filho por serem conhecidas ou por ouvir dizer. Constroem de maneira coerente uma memória coletiva sobre os significados da experiência da escravidão associada às idéias de violência, torturas, maus tratos e animalização, bem como ao poder senhorial e a seu arbítrio, para fazer o bem ou o mal. É a partir dessa representação genérica do tempo do cativo que se organizarão os recursos de periodização nas narrativas consideradas, emprestando significados precisos ao “tempo do cativo” e permitindo aos depoentes refletirem criticamente sobre as suas continuidades e descontinuidades com o tempo atual.

\*\*\*

Meu pai foi do tempo da escravidão. Era duro o tempo da escravidão. Tinha os administradores que tomavam conta deles. Era ruim principalmente para essa mulherada que era escrava também. Diz que elas apanhavam lá. Surravam eles todos, mas meu pai dizia que obrigavam elas a casarem com qualquer um. Acho que era isso que minha tia falava, que era custoso o casamento pra elas lá. Esses administradores eram muito ruins.

Eles apanhavam à toa, à toa, à toa, de ruindade mesmo, surravam. Faziam a comida na gamela. A comida era toda na gamela. Aquela comida grosseira que des

comiam. Ali era tudo ali na gamela. Diz que o feitor era ruim! O feitor que mandava neles. Quem judiava dos escravos era o feitor. Sempre o feitor. O patrão mandava tomar conta, ele fazia o que queria com os coitados. Até a mulherada apanhava!

Mas agora vou te contar, em Tietê...tinha uma mulher que se chamava Nhá Aninha. Ana. Ela era de Piracicaba, sabe? E tinha escravo. Ih! essa mulher pintava com os escravos! Ela era ruim!

Mas eu estou contando...que eu conheço ainda lá a casa onde ela morava. Ela gritava, gritava, gritava... O que Nhá Aninha fazia! Se pegava como diz ...até que por fim do remato... ela criou rabo! Eu estou contando. Ela criou rabo!. O apelido dela era Aninha Braba. E não é que uma vez ela jogou um caldeirão de gordura quente num rapazinho? E o rapazinho morreu.

Diz que quando ela ficou ruim ela gritava: “Tira esse negrinho daqui! Eu não quero ver esse negrinho! Tira o negrinho daqui!” E ela ficou ruim, criou rabo, arrumaram uma cadeira de braço, grande assim (a depoente move os braços para dar uma idéia do tamanho da cadeira), fizeram um buraco no meio. Ela não andava. Eles punham ela sentada e uma das empregadas pegava aqui e a outra lá (uma de cada lado da cadeira) pra levar ela na casa da gente rica que era conhecida dela. Seu nome era Maria Silvia Paes de Andrade. Levavam ela na cadeira. E depois ela morreu. E mesmo assim ainda gritava lá no cemitério para levar a corda pra ela, corda pra enforcar os escravos. (Isabel Fabiano André, SP, 93 anos, 18/10/1987)

\*\*\*\*

Não foi só negro que foi escravo, é que o negro foi a maior parte e era lei do país que se podia comprar as pessoas. Então, aquele que ele comprou era um escravo. Eu tinha uma tia, ela contava que a avó dela, veio de Cuiabá no comboio. Você sabe o que é comboio? É a mesma coisa de dizer um lote, um bando, é aquele mundo de negro, de todo tamanho, viu? O que prestasse pra andar fazia aquele comboio. Vinham pelas estradas a pé. E aí, quando o comboio chegava lá, tinha leilão de escravo. Tinha leilão, avisavam todos os fazendeiros da região. Aqueles fazendeiro todos arrumavam dinheiro e falavam: “hoje tem leilão”. Ele ia lá e era leiloado aquele escravo. Se era moço de dezoito anos ou uma rapariga de dezoito, dezesseis, era mais caro. Se tinha doze, quatorze, era mais barato. Se era velho, um

escravo que era ruim, que não era grande coisa pra trabalhar, esse era mais barato. Era assim. E eles preferiam sempre comprar aqueles de dezoito, vinte, ou meio moço.

Teve um fazendeiro que comprou um moço que chamava Lourenço. E quando ele trouxe em casa o Lourenço falou assim pra ele: “Vamos ver sua língua!” “Tira a língua pra fora que eu quero ver sua língua.” Aí o Lourenço tirou a língua pra fora, ele pegou um ferro quente e...disse: “você tem jeito de ser linguarudo”, e queimou a língua dele com ferro quente! Foi a primeira judiação. Era pra dar exemplo pros outros. Pra dar exemplo pros outros. Esse que queimou a língua não era meu parente, mas a gente sabe a história dos senhores. Sabe, o nosso pai contava, os avôs contavam histórias de um senhor, de outro. Tinha o que era bom, tinha o que era ruim... E eles contavam pra nós, pra netaiada. (Benedita, SP, 80 anos, 15/08 e 16/08/1987)

\*\*\*

A minha avó foi escrava. A minha mãe nasceu um ano depois do cativo. Minha avó contava que eles foram muito judiados, apanhavam muito, que a “escravidão” tinha tirado o coro das costas deles.

Os escravos não sabiam idade. Mas ela não morreu muito velha não, porque ela era lúcida e contava o que eles passavam no cativo, os flagelos. Eu ouvi dizer que tinha tronco. Só que ela dizia que nunca foi no tronco, mas que os outros iam. Nesse território aqui tudo foi trabalhado, foi feito pelos escravos. Naquele tempo o trem era feio. Se não trabalhava, apanhava, morria até, porque os outros batiam mesmo. Ouvi falar muito isso. (M.L.F., ES, nascida em 1916, não consta a data da entrevista)

\*\*\*

Ah, mamãe contava muito caso do tempo do cativo. Lá em Petrópolis, na fazenda em que ela foi criada, nascida e criada, chamada fazenda do Grão-Pará, tinha um fazendeiro que era muito ruim. Ele tinha um esteio assim dessa grossura. Quando o nego errava, ele botava ele ali, na roda de açoite. Aqui... quando ele gritava, um coro vinha de lá, batia aqui. O outro coro vinha de cá, batia aqui.

Quando tirava o nego dali, estava todo retalhado. . (C.M.S., E.S., 75 anos, 04/07/1995)

\*\*\*

Meu avô falava muito sobre aquele negócio de bater nos negros. A roda de chicote que corria aqui. Um dia ele estava mostrando um toco de porteira desse tamanho assim. Então ele falou que debaixo daquele tronco de porteira tinha um negro enterrado. Ele disse que o patrão, o chefe, quando tomava raiva do cara, levava o cara pra lá sem saber de nada e mandava ele furar um buraco pra colocar um batente de porteira. Quando o buraco tava fundo, aquele buracão assim, aí diz que ele mandava o cara ir lá embaixo, jogando a terra pra cima e aí ele mandava jogar o esteio de porteira em cima dele. Jogava aquele esteio de porteira em cima dele lá, aquele toco de braúna desse tamanho, dessa grossura assim, e socava, ali, botava e falava: “Ó, se vocês falarem vocês vão morrer também”. Diz que ninguém falava. Meu avô contava que aqui debaixo dessa porteira tem um crioulo morto, enterrado aqui. E que logo pra baixo tem um riozinho que desce e uma basezinha de pedra onde ficava a senzala e o lugar de bater nos negros. (A.D.C., ES)

\*\*\*

Agora tem mais outros casos de escravidão que aconteceu aqui em Cunha. Meu pai contava de um escravo com nome de Israel. Esse é outro *causo*. Um escravo com nome de Israel. Ele tinha o sinhô, o patrão dele que era o Manuel Antônio. Muito severo, muito ruim, homem cruel, triste! Era daqui de Cunha, aliás a fazenda mais bonita que existe no município de Cunha era desse homem. Manuel Antônio. Ele era um patrão que castigava mesmo por gostar. Dizem que ele experimentava espingarda atirando numa criancinha em cima dum cupinzeiro, em cima duma cerca, atirava pra experimentar a espingarda. Dizem isso. E esse Israel foi vendido para ele. Dona Geralda vendeu os escravo pro Manoel Antônio. Manoel Antônio comprou os escravos porque era uma dívida que ela devia e no meio desses escravos foi o tal Israel.

Esse o meu pai conheceu na prisão. Um dia que o capataz foi buscar os pretos para dar uma bordoadada na cabeça, porque era a moda que o tal Manuel Antônio mandava eles fazer, ele mandava prender num paiol grande de milho e dar

uma bordoadada na cabeça, aí o escravo caía e ele amarrava. Então, quando foi na vez do Israel, o capataz deu a bordoadada e o Israel caiu, mas o capataz não sabia que ele estava com uma peixeira por baixo da camisa. Então, quando o Israel caiu e ele montou em cima do escravo pra amarrar, o Israel cutucou na boca do estômago e matou o capataz. Ele morreu em cima do escravo. Deu uma confusão medonha, meu pai contou. Agora depois prenderam o Israel na cadeia. Ele morreu com bicho na cabeça, porque nesse tempo não cuidavam dos preso. Deu um corte na cabeça dele com a bordoadada que deram...

Mas no meio deles existia também senhor de escravo que era bom, como o sinhozinho, marido de Dona Geralda, fazendeiro rico, milionário, gente bem de vida. Esse dizia: “meus filhos vem vindo”. Aliás tem um outro *causo* inteiro, do dia que um pessoalzinho, o promotor, o delegado assim, as autoridades, foram almoçar nessa fazenda, na fazenda do sinhozinho.

Lá chegando, eles puseram a mesa, mas não arrumaram a comida, e o sinhozinho dizia: “meus filhos estão demorando!” e eles pensavam, o pessoal das autoridades pensava que “meus filhos” eram os filhos mesmo dele. Então lá de longe, ele apontou os pretos cantando que vinham do eito. Os pretos cantando e ele falou: “Ah! Então põe a janta na mesa porque meus filhos estão chegando”. Os filhos dele eram os escravos. Ele tinha como filhos os escravos, porque os escravos ajudavam a vida dele. Ajudavam ele a ganhar o dinheiro, ajudavam em tudo, então ele tinha como filho.

É aonde eu digo que eles eram bons e eram ruins, tinha gente boa e tinha gente ruim no meio, sabe?

Mas a verdade é que é doido a gente ver um ser humano castigado e jogado pro porco comer como existiu aqui em Cunha. Tratado como animal. Os escravos eram tratados como animal. Tem até um ditado que diz que o preto que tinha canela fina era bom pra trabalhar, o preto da canela grossa não prestava pra trabalhar. Esses eles matavam e não tinha crime. A escravidão não pode ser boa não. Era um sofrimento pro povo. Um ser humano sofrendo uma injustiça daquela. Porque todo mundo é filho de Deus, preto ou branco, amarelo, tudo é filho de Deus. E nesse tempo não, preto não valia nada, era tratado como bicho. Preto era tratado como

animal, bicho e sendo que ele é filho de Deus também, não é? (José Veloso Sobrinho, SP, 70 anos, 16/07/1987)

\*\*\*

### **Os negros do mato**

**Na tradição familiar aqui considerada, a fuga, apesar de compor, lado a lado com o arbítrio senhorial, o quadro mais genérico do tempo do cativo, apresenta-se como recurso de desespero ou de irresponsabilidade, com custo altíssimo para quem a ele recorresse. Das punições mais cruéis ao serem recapturados ao total desenraizamento dos *negros do mato* transformados em *caiporas*. Os *negros do mato* – quase tão estrangeiros e ameaçadores quanto os africanos – diferentemente destes não conseguiam levar a melhor sobre a crueldade dos senhores, na visão dos nossos narradores.**

\*\*\*

Lá onde ele estava escravo não fugia. Mas eu vi falar que nos outros lugares fugiam. Fugiam de noite. Quando o patrão procurava, cadê? Onde estava? Estava na outra fazenda. Alguém ia procurar, ia buscar, trazia e tacava na forca. (Isabel Fabiano André, SP, 93 anos, 18/10/1987)

\*\*\*

Tinha um fazendeiro aqui com nome de... da família Pereira. E esse, ele tinha um escravo na família. Esse é o *causo* da escravidão, um escravo na família, um escravo que usava fugir muito. O velho Nhozinho Pereira, eu conheci. Agora o escravo eu não conheci. Agora esse escravo chamava Prudente e esse tal de Prudente fugia. Fugia muito. Volta e meia... acontecia qualquer coisinha lá, ele se aborrecia, ele fugia. Fugia para o mato. E o sinhô pegava ele, seu Pereira velho, pegava ele, agradava ele, mas não judiava. Não chicoteava, não judiava dele. Depois nasceu um filho que foi crescendo, ficou moço, nasceu um filho do Pereira que era o sinhozinho Pereira. Esse, depois que o Pereira morreu, falou para o escravo: “Prudente, você não fuja mais que eu já estou moço e o dia que você fugir, eu te corto as orelhas”. Então ele fugiu um dia. O nhozinho Pereira cortou as duas orelhas dele, cortou rente. Ele andava e o vento atrapalhava. Ele não escutava direito. Ficou

*desortinado*, meio perturbado. Esse é o *causo* da escravidão que um dos escravo sofreu muito. Um escravo sem orelha é penoso, porque a orelha ajuda o vento não atrapalhar e também o ouvido, não é? E esse coitado ficou sem, sem orelha. (José Veloso Sobrinho, SP, 70 anos, 16/07/1987)

\*\*\*

Aqui tinha uma capela numa fazenda de nome Conceição. Tem uma capela ainda, lá nesse lugar. Ali foi matado um menino. Quando terminou o cativo, o menino já levava almoço para o pai. O cativo tinha acabado, mas tinha gente nas matas que não sabia que o cativo tinha acabado. Então ficava dentro do mato escondido.

O menino foi passando com o almoço para o pai, porque não tratava mais de cativo, já tinha criança que levava almoço, essa coisa e tal, todo mundo já estava trabalhando à vontade, mas quem estava no mato não estava sabendo daquilo, que o cativo já tinha acabado. Chamava caipora, essas pessoas que estavam escondidas no mato, chamava caipora. Tinham muitos caiporas na mata, meu pai me falou, era o pessoal que fugia. Para pessoa não fugir, eles usavam naquele tempo - e eu ainda cheguei a ver também isso, isso eu cheguei a ver, tive a oportunidade de ver na casa de um homem que chamava Zacarias, que ele também era do cativo, ele tinha na casa dele guardado um tronco de pescoço. Botava no pescoço, botava uma cruz assim em cima e tinha um gancho do lado e do outro que parecia uma cruz, que aquilo se a pessoa entrasse no mato, agarrava no mato, então não tinha como a pessoa andar no mato, só na estrada, em lugar limpo. Então esse menino ia passando com o almoço, esse caipora que estava na beira do caminho pegou a moringa do menino e matou o menino com um toco de braúna. Eu cheguei a ver esse toco de braúna. Matou o menino com o toco de braúna para pegar comida, chamava Manoel, esse menino. Pegou a comida e comeu. O menino ficou morto na beirada, pegaram esse menino e enterraram. Tinha um cemitério aqui perto, tinha um cemitério, ainda posso ver onde é que é, ainda cheguei a ver cruz naquele lugar. Cruzes de madeiras naquele lugar de braúna. Então enterraram o menino ali. Então passou o tempo e foram desenterrar o menino. O menino estava com o corpo molezinho. Depois trouxeram o menino, o menino estava saindo sangue, ainda dava sangue depois de

mais de uns 10 anos, o menino estava saindo sangue. Pegaram o menino e levaram o menino para Roma. O padre levou o menino para Roma e ele virou santo.(Izaquiel Inácio, Rio de Janeiro, 72 anos, 19/09/1994)

\*\*\*